

DF-Golconda **Opções culturais** 21 FEV 1986

A posse do novo diretor da Fundação Cultural está marcada para hoje. Reynaldo Jardim substituirá Luiz Humberto. São dois nomes marcantes, dois nomes que merecem o respeito de todos. Além da polêmica de nomes uma questão se coloca à consciência democrática do povo de Brasília: qual o papel do Estado no âmbito da cultura?

Ainda mais ampla que esta, pelo menos mais apaixonante, é a definição específica do papel da Fundação Cultural do Distrito Federal no âmbito de nossa cultura.

A concepção da criação artística sob a orientação do Estado, muitas vezes dominante, leva em geral à mediocridade e a uma produção homogeneizada.

De realismos socialistas ou outras escolas semelhantes estamos fartos. Entretanto, em países como o nosso o Estado

desempenha o papel que no passado foi assumido pelos mecenas. A ausência ou a fraqueza do apoio privado à arte e à cultura dá ao Estado uma tarefa suplementar que é de estimular a criação.

Quando o Estado se imiscui na cultura o mais importante é que ele aí chegue sem preconceitos e nem mesmo conceitos. Não imponha escolas e não se alie a grupos ou facções. Seu funcionamento tem de ser gerencial.

Entre nós a discussão é mais terra a terra: deve a Fundação ratear as verbas disponíveis entre os artistas locais ou, pelo contrário, deve trazer a Brasília a arte mais elevada e mais profunda existente. Pode-se mesmo colocar a questão de outra forma: existe solução para a participação do Estado sem a conciliação destes dois termos?